

A PRÁTICA DA MEDIAÇÃO ENTRE IGUAIS NA CONSTRUÇÃO DE UM AMBIENTE ESCOLAR PACÍFICO

THE PRACTICE OF PEER MEDIATION IN THE CONSTRUCTION OF A PEACEFUL SCHOOL ENVIRONMENT

LA PRÁCTICA DE LA MEDIACIÓN ENTRE IGUALES EN LA CONSTRUCCIÓN DE UN AMBIENTE ESCOLAR PACÍFICO

Tony Leal Miranda Tenório¹

RESUMO: Esse artigo buscou analisar a prática da mediação entre iguais na construção de um ambiente escolar pacífico, destacando sua relevância como estratégia pedagógica de transformação da convivência escolar. Para alcançar esse objetivo, adotou-se a metodologia de pesquisa bibliográfica, fundamentada na análise de livros, artigos científicos e documentos oficiais publicados entre 2018 e 2023, além de obras clássicas de referência no campo da educação. A sistematização das fontes permitiu identificar os principais enfoques atribuídos à mediação, os resultados de experiências já implementadas e as implicações para a formação integral dos estudantes. Os resultados evidenciaram que a mediação entre pares contribui significativamente para a redução da violência escolar, o fortalecimento das competências socioemocionais, a promoção da inclusão e o desenvolvimento do protagonismo juvenil. Observou-se também que a prática amplia a vivência democrática e melhora o clima escolar, tornando-se um recurso eficaz para consolidar a cultura de paz e de cooperação dentro da escola. Conclui-se que a mediação entre iguais deve ser compreendida não apenas como técnica de resolução de conflitos, mas como prática cultural capaz de redefinir a identidade da escola contemporânea, preparando cidadãos críticos, empáticos e comprometidos com a justiça social.

1896

Palavras-chave: Mediação escolar. Cultura de paz. Protagonismo juvenil.

ABSTRACT: This article aimed to analyze the practice of peer mediation in the construction of a peaceful school environment, highlighting its relevance as a pedagogical strategy for transforming school coexistence. To achieve this goal, a bibliographic research methodology was adopted, based on the analysis of books, scientific articles, and official documents published between 2018 and 2023, in addition to classical works in the field of education. The systematization of the sources made it possible to identify the main approaches to mediation, the results of implemented experiences, and the implications for the integral education of students. The results showed that peer mediation significantly contributes to reducing school violence, strengthening socio-emotional skills, promoting inclusion, and developing youth protagonism. It was also observed that the practice enhances democratic experience and improves the school climate, becoming an effective resource for consolidating a culture of peace and cooperation within the school. It is concluded that peer mediation should be understood not only as a conflict resolution technique but as a cultural practice capable of redefining the identity of the contemporary school, preparing critical, empathetic, and socially committed citizens.

Keywords: School mediation. Culture of peace. Youth protagonism.

¹Especialização em Metodologias do Ensino de Língua Portuguesa, Universidade: Universidade Norte do Paraná – UNOPAR.

RESUMEN: Este artículo buscó analizar la práctica de la mediación entre iguales en la construcción de un ambiente escolar pacífico, destacando su relevancia como estrategia pedagógica de transformación de la convivencia escolar. Para alcanzar este objetivo, se adoptó la metodología de investigación bibliográfica, fundamentada en el análisis de libros, artículos científicos y documentos oficiales publicados entre 2018 y 2023, además de obras clásicas de referencia en el campo de la educación. La sistematización de las fuentes permitió identificar los principales enfoques atribuidos a la mediación, los resultados de experiencias implementadas y las implicaciones para la formación integral de los estudiantes. Los resultados mostraron que la mediación entre pares contribuye de manera significativa a la reducción de la violencia escolar, al fortalecimiento de las competencias socioemocionales, a la promoción de la inclusión y al desarrollo del protagonismo juvenil. También se observó que la práctica amplía la vivencia democrática y mejora el clima escolar, convirtiéndose en un recurso eficaz para consolidar la cultura de paz y cooperación dentro de la escuela. Se concluye que la mediación entre iguales debe comprenderse no solo como una técnica de resolución de conflictos, sino como una práctica cultural capaz de redefinir la identidad de la escuela contemporánea, preparando ciudadanos críticos, empáticos y comprometidos con la justicia social.

Palabras clave: Mediación escolar. Cultura de paz. Protagonismo juvenil.

INTRODUÇÃO

A escola é um espaço privilegiado para a formação humana, social e cultural, pois nela se entrelaçam diferentes experiências, saberes e trajetórias de vida. Muito além da função de transmitir conteúdos, a instituição escolar assume um papel fundamental na construção de valores, no fortalecimento do respeito e no desenvolvimento de competências necessárias para a convivência em sociedade. Nesse contexto, a mediação entre iguais surge como uma prática educativa inovadora, capaz de ressignificar os conflitos que emergem no cotidiano escolar e transformá-los em oportunidades de diálogo e crescimento coletivo.

A mediação realizada entre pares destaca-se por valorizar o protagonismo dos estudantes, reconhecendo que eles podem assumir responsabilidades na busca por soluções pacíficas e na manutenção de um clima escolar mais saudável. Essa prática favorece a autonomia, a escuta ativa e a empatia, aspectos que contribuem de maneira significativa para a construção de uma cultura de paz dentro e fora da escola. Ao participar ativamente desses processos, os alunos passam a compreender que o conflito não precisa ser encarado como algo destrutivo, mas sim como um momento de aprendizado e desenvolvimento de novas formas de convivência.

Além de reduzir a incidência de conflitos e tensões, a mediação entre iguais também fortalece as relações interpessoais no ambiente escolar. Através do diálogo e da cooperação, a comunidade educativa aprende a lidar com as diferenças e a valorizar a diversidade como

elemento enriquecedor das relações humanas. Esse processo amplia a consciência coletiva e contribui para o desenvolvimento de atitudes mais solidárias, cooperativas e democráticas, preparando os estudantes para os desafios sociais que enfrentarão ao longo da vida.

O presente artigo tem como propósito analisar a prática da mediação entre iguais na construção de um ambiente escolar pacífico, destacando sua relevância para a formação integral dos estudantes e para a consolidação de uma escola comprometida com a cidadania e com os valores democráticos. A reflexão aqui proposta busca evidenciar que a mediação entre pares não é apenas uma técnica de resolução de problemas, mas uma estratégia pedagógica que promove transformações profundas nas relações escolares e na forma de compreender o papel da educação na sociedade contemporânea.

MÉTODOS

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza bibliográfica, cujo objetivo foi reunir, analisar e interpretar produções acadêmicas e documentos oficiais que discutem a mediação entre iguais e sua contribuição para a construção de ambientes escolares pacíficos. Segundo Gil (2019), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de materiais já publicados e permite ao pesquisador aprofundar-se em determinado objeto de estudo sem a necessidade de observação direta no campo. Essa escolha metodológica possibilitou compreender de forma ampla os diferentes enfoques sobre o tema e estabelecer relações entre as perspectivas teóricas disponíveis.

1898

O levantamento das fontes bibliográficas foi realizado em bases de dados de acesso público, como SciELO, Google Acadêmico e periódicos especializados em educação, além de livros e teses disponíveis em meio digital. Os critérios de seleção priorizaram produções publicadas entre 2018 e 2023, garantindo atualidade à análise, sem deixar de considerar autores clássicos que fundamentam a discussão. De acordo com Marconi e Lakatos (2021), a combinação entre obras recentes e estudos consagrados é fundamental para assegurar consistência teórica e contextualização histórica em investigações acadêmicas.

Após a seleção do material, procedeu-se à leitura sistemática e ao fichamento das obras, com a intenção de identificar categorias relacionadas à mediação entre pares, às práticas escolares de resolução de conflitos e à promoção da cultura de paz. Esse processo de organização possibilitou classificar os estudos de acordo com seus objetivos, contribuições e limitações, permitindo uma análise comparativa. Para Bardin (2016), o processo de categorização é

essencial em pesquisas qualitativas, pois favorece a interpretação dos dados e amplia a compreensão do fenômeno estudado.

A análise dos materiais coletados seguiu uma perspectiva qualitativa e interpretativa, buscando identificar pontos de convergência e divergência entre os autores e realçando as contribuições mais significativas para o campo educacional. Não se pretendeu quantificar resultados, mas compreender e relacionar as ideias que emergiram da literatura consultada, articulando-as aos objetivos propostos pela pesquisa. Conforme destaca Severino (2018), a análise interpretativa em pesquisas bibliográficas contribui para a construção de um quadro teórico consistente e fundamentado.

Por fim, cumpre destacar que, por se tratar de um estudo bibliográfico, não houve coleta de dados em campo nem contato direto com participantes. Todo o percurso metodológico foi desenvolvido a partir da sistematização da literatura, respeitando os princípios éticos de uso das fontes e a integridade dos autores consultados.

RESULTADOS

A análise bibliográfica revelou que a mediação entre iguais se apresenta como uma das estratégias mais potentes para transformar o espaço escolar em um ambiente de diálogo e convivência pacífica. Essa prática se fundamenta na ideia de que os estudantes podem assumir papéis ativos na resolução de conflitos, tornando-se protagonistas de processos que antes eram restritos à figura do professor ou da gestão. Tal movimento rompe com uma lógica punitiva e hierárquica, substituindo-a por uma abordagem colaborativa e educativa, na qual todos têm voz e espaço de participação. Nesse sentido, Tavares (2020) afirma que a mediação entre pares contribui para que os jovens desenvolvam maior autonomia, senso de responsabilidade e consciência crítica, elementos fundamentais na formação de cidadãos mais comprometidos com a coletividade.

Outro ponto de destaque encontrado na literatura é a mudança de perspectiva em relação aos conflitos escolares. A mediação entre pares possibilita que os alunos compreendam os conflitos não como obstáculos, mas como oportunidades de aprendizagem, amadurecimento e crescimento social. Essa transformação conceitual fortalece a capacidade dos estudantes de lidar com situações adversas de forma mais equilibrada e reflexiva. Conforme defende Costa (2019), os processos de mediação escolar são capazes de promover relações mais respeitadas,

favorecendo o fortalecimento dos vínculos e estimulando uma cultura de paz que ultrapassa os limites da escola, estendendo-se às demais esferas da vida social.

Os resultados analisados também evidenciaram a relevância da mediação para o desenvolvimento das competências socioemocionais. Escuta ativa, empatia, respeito às diferenças e capacidade de argumentação são aspectos constantemente mobilizados no decorrer dos processos de mediação, criando oportunidades para que os estudantes aprimorem habilidades que lhes serão úteis em toda a vida. Silva e Ribeiro (2021) ressaltam que essas competências, ao serem trabalhadas cotidianamente na escola, tornam-se parte da identidade dos jovens, fortalecendo sua maturidade emocional e sua capacidade de se relacionar em ambientes diversos, o que contribui para o bem-estar coletivo.

Outro achado importante refere-se ao impacto positivo da mediação na redução da violência escolar. Pesquisas indicam que instituições que adotaram programas estruturados de mediação entre pares observaram queda significativa nos índices de agressões físicas e verbais, o que resultou em maior tranquilidade e cooperação nas rotinas escolares. Oliveira (2020) aponta que os acordos construídos em processos mediados entre colegas são mais aceitos e respeitados, justamente porque são elaborados de forma coletiva e horizontal, reduzindo a sensação de imposição e aumentando o comprometimento dos envolvidos com as soluções encontradas.

1900

Também se destaca o fortalecimento do protagonismo juvenil como resultado central das práticas de mediação. Ao atribuir aos estudantes o papel de mediadores, a escola reconhece e legitima sua capacidade de atuar como agentes de transformação social. Almeida (2022) observa que esse reconhecimento gera maior engajamento, sentimento de pertencimento e responsabilidade em relação à comunidade escolar, elementos que ajudam a consolidar a mediação como parte integrante do projeto pedagógico. Esse protagonismo, quando cultivado, se reflete em maior participação dos alunos em outras instâncias de decisão, contribuindo para uma vivência mais democrática.

Outro aspecto recorrente nas produções analisadas é a contribuição da mediação para a promoção da inclusão escolar. Em um contexto marcado pela diversidade cultural, social e individual, práticas que estimulam o diálogo e a valorização das diferenças tornam-se fundamentais. Gomes (2021) defende que a mediação, ao permitir que todos tenham espaço de fala e sejam ouvidos com respeito, amplia as possibilidades de convivência justa e inclusiva,

criando um ambiente em que a diversidade deixa de ser motivo de segregação para se tornar fonte de aprendizado coletivo.

A relação entre mediação e valores democráticos também merece destaque. A literatura indica que os processos de mediação favorecem a vivência prática da democracia no espaço escolar, ao exigir dos participantes habilidades como negociação, respeito a diferentes opiniões e construção de consensos. Santos (2019) destaca que, ao viver esses processos desde cedo, os estudantes internalizam práticas de cidadania e aprendem a valorizar o diálogo como caminho legítimo para a resolução de divergências, fortalecendo assim sua formação ética e social.

Os estudos analisados mostram, entretanto, que para que a mediação seja efetiva, é necessário que haja formação adequada tanto de alunos quanto de professores. A preparação dos mediadores, seja inicial ou continuada, é apontada como condição essencial para a sustentabilidade das práticas. Lopes (2020) argumenta que sem a orientação correta, a mediação pode perder seu caráter pedagógico e se reduzir a um procedimento burocrático. Assim, a formação de toda a comunidade escolar constitui-se como etapa indispensável para o sucesso da implementação.

Outro resultado recorrente é a melhoria do clima escolar observada em instituições que adotaram a mediação entre iguais. A literatura aponta que essa prática fortalece os vínculos entre alunos, professores e gestores, reduzindo tensões e favorecendo uma convivência mais colaborativa. Carvalho (2019) ressalta que um ambiente escolar pacífico não apenas facilita a aprendizagem, mas também contribui para que a escola seja percebida como espaço de acolhimento e pertencimento, o que impacta positivamente a permanência dos alunos.

Foi identificado também que a mediação contribui para a construção de vínculos de confiança entre os estudantes. Ao atuar como mediadores, os jovens passam a compreender o valor da escuta e do respeito mútuo, internalizando práticas que fortalecem os laços comunitários. Rodrigues (2021) afirma que esse processo amplia a capacidade de empatia e de solidariedade, criando condições para que os estudantes desenvolvam habilidades sociais que serão fundamentais em diferentes etapas da vida.

Outro ponto de destaque é a relação entre mediação e permanência escolar. Ferreira (2020) evidencia que ambientes mais acolhedores e menos violentos reduzem a evasão, uma vez que os alunos passam a sentir-se valorizados e respeitados dentro da instituição. A construção de um espaço em que suas vozes são ouvidas fortalece o vínculo com a escola e contribui para o aumento da frequência e do engajamento nas atividades pedagógicas.

Embora não seja seu objetivo principal, a mediação também tem reflexos positivos sobre o desempenho acadêmico. Mendes (2019) mostra que a diminuição de conflitos e a criação de um ambiente pacífico favorecem a concentração e o envolvimento dos alunos nas atividades escolares, resultando em maior aproveitamento pedagógico. Assim, ainda que indiretamente, a mediação contribui para a qualidade da aprendizagem e para a formação integral do estudante.

A literatura aponta ainda que a mediação entre pares favorece a cooperação entre alunos de diferentes turmas e faixas etárias, ampliando a integração e promovendo um ambiente mais solidário. Nascimento (2020) argumenta que essa interação entre estudantes de idades diversas contribui para o aprendizado de valores como respeito e solidariedade, ao mesmo tempo em que fortalece a consciência de que todos fazem parte de uma mesma comunidade escolar.

Foi constatado que a mediação pode ser aplicada em diferentes etapas da educação básica, com adaptações metodológicas conforme a faixa etária. Barreto (2021) destaca que, enquanto no ensino fundamental a mediação tende a focar conflitos mais simples e cotidianos, no ensino médio ela assume caráter mais reflexivo, preparando os jovens para lidar com situações sociais complexas e para participar de espaços democráticos fora da escola.

Outro resultado encontrado refere-se à valorização da comunicação não violenta no ambiente escolar. A mediação estimula os alunos a expressarem seus sentimentos e opiniões de forma clara e respeitosa, reconhecendo no diálogo uma ferramenta de transformação. Rocha (2019) observa que esse exercício constante da linguagem contribui para que os jovens compreendam que as palavras podem ser instrumentos de mudança, favorecendo relações mais equilibradas e conscientes.

Além disso, observou-se que a mediação pode contribuir para diminuir a sobrecarga disciplinar dos professores. Pires (2020) ressalta que, ao compartilhar com os estudantes a responsabilidade pela resolução de conflitos, o docente encontra maior espaço para concentrar-se em sua prática pedagógica, fortalecendo a dimensão educativa de seu trabalho. Essa corresponsabilidade, ao mesmo tempo, fortalece o sentimento de coletividade entre todos os membros da escola.

A literatura mostra também que a prática da mediação fortalece a autoestima e a autoconfiança dos estudantes que atuam como mediadores. Matos (2021) explica que ao serem reconhecidos pelos colegas como sujeitos capazes de facilitar a resolução de conflitos, esses jovens passam a acreditar mais em suas potencialidades, desenvolvendo maior segurança para enfrentar desafios dentro e fora do contexto escolar.

Outro achado importante diz respeito à possibilidade de que a mediação auxilie na ressignificação de conflitos familiares que se refletem na escola. Diniz (2019) argumenta que ao aprenderem estratégias de diálogo e negociação, os alunos podem transferir essas habilidades para outros contextos, ampliando sua capacidade de lidar com situações adversas e contribuindo para ambientes familiares mais saudáveis.

Os estudos analisados também ressaltaram a necessidade de compreender a mediação como prática cultural, e não apenas como técnica de resolução de conflitos. Fonseca (2020) afirma que a mediação propõe uma mudança de paradigma, deslocando o foco da punição para a construção de relações éticas e colaborativas. Essa mudança transforma a identidade da escola e fortalece o papel da educação como espaço de formação cidadã.

Por fim, verificou-se que a mediação entre pares, quando devidamente estruturada, consolida-se como parte integrante da cultura institucional escolar. Almeida (2022) observa que ao se tornar prática constante, a mediação fortalece a convivência democrática, promove a inclusão e contribui para a formação de cidadãos conscientes, engajados e comprometidos com a paz e a justiça social.

DISCUSSÃO

1903

Os resultados encontrados na literatura apontaram a mediação entre iguais como um caminho promissor para a construção de ambientes escolares pacíficos, em consonância com o que já vem sendo defendido por autores que discutem o papel social da educação. Para Freire (1996), a escola deve ser um espaço de diálogo e emancipação, no qual os estudantes sejam reconhecidos como sujeitos ativos do processo educativo. A mediação entre pares materializa essa perspectiva, pois possibilita que os alunos participem da gestão de conflitos e exerçam, na prática, sua autonomia e responsabilidade cidadã.

Outro ponto relevante da discussão refere-se ao desenvolvimento das competências socioemocionais, que foram evidenciadas nos resultados como efeito direto da mediação entre iguais. Vygotsky (2001) já destacava que as interações sociais são fundamentais para o aprendizado e o desenvolvimento humano, uma vez que é na relação com o outro que o indivíduo se constrói. Nesse sentido, a mediação escolar reforça a ideia de que a aprendizagem não se limita ao domínio de conteúdos, mas envolve também o cultivo de habilidades de convivência, cooperação e empatia.

A diminuição da violência e da indisciplina, relatada em diversos estudos analisados, pode ser compreendida à luz da perspectiva de Mantoan (2015), que defende a escola como espaço de convivência democrática. Quando os conflitos são mediados pelos próprios colegas, cria-se um ambiente de corresponsabilidade que transforma a cultura escolar. Esse movimento desloca o foco da punição para a reparação, em sintonia com o paradigma das práticas restaurativas, que têm sido amplamente discutidas como alternativa às abordagens punitivas tradicionais.

Além disso, a discussão sobre o protagonismo juvenil se mostra central para compreender os impactos da mediação. De acordo com Dayrell (2007), reconhecer os jovens como protagonistas de sua própria história é condição essencial para que a escola dialogue com suas realidades e necessidades. A mediação entre pares se insere nesse horizonte, pois rompe com a lógica verticalizada de gestão dos conflitos e cria um espaço em que os estudantes assumem responsabilidades, fortalecendo o vínculo com a instituição escolar.

Outro aspecto importante é a contribuição da mediação para a promoção da inclusão. Os resultados mostraram que a prática favorece a valorização da diversidade e o respeito às diferenças, em sintonia com a perspectiva defendida pela BNCC (Brasil, 2017), que orienta a escola brasileira a considerar a pluralidade cultural e social como princípio estruturante da educação. Assim, a mediação não apenas contribui para a resolução de conflitos, mas também para a consolidação de uma escola inclusiva, que reconhece e acolhe cada estudante em sua singularidade.

1904

A literatura também revelou que a mediação contribui para o fortalecimento da vivência democrática dentro da escola. Esse achado pode ser articulado à visão de Dewey (1979), para quem a educação é um processo de reconstrução social e deve preparar os indivíduos para a vida em comunidade democrática. A mediação, ao estimular a negociação e o consenso, coloca os estudantes em contato direto com práticas de cidadania, favorecendo a formação de sujeitos mais críticos e participativos.

A necessidade de formação docente para sustentar a prática da mediação, evidenciada nos resultados, também encontra respaldo em autores que discutem a centralidade do professor como mediador do conhecimento. Libâneo (2015) argumenta que a formação continuada é condição indispensável para que os educadores consigam enfrentar os desafios da escola contemporânea. Nesse sentido, capacitar os professores para atuar como facilitadores da

mediação é fundamental para que essa estratégia se consolide como parte integrante do projeto pedagógico escolar.

Outro elemento discutido na literatura e confirmado nos resultados é a melhoria do clima escolar decorrente da mediação. Esse ponto pode ser compreendido a partir da concepção de Piaget (1994), que destacava a importância das regras construídas coletivamente para o desenvolvimento moral das crianças. Ao participar dos processos de mediação, os alunos não apenas resolvem conflitos, mas aprendem a negociar regras, a respeitar acordos e a compreender o valor da cooperação, o que contribui diretamente para a construção de um ambiente mais pacífico e democrático.

A mediação também se relaciona com a perspectiva da comunicação não violenta, discutida por autores contemporâneos que defendem o diálogo como estratégia para transformar relações sociais. Para Rocha (2019), a escola é um dos espaços mais fecundos para que a comunicação não violenta seja exercitada e incorporada à cultura cotidiana. Os resultados analisados demonstram que, ao estimular os estudantes a expressarem seus sentimentos e opiniões de forma respeitosa, a mediação fortalece vínculos e previne novos conflitos, configurando-se como um exercício contínuo de educação para a paz.

Por fim, cabe destacar que a mediação entre iguais não deve ser compreendida apenas como técnica, mas como prática cultural capaz de transformar profundamente a escola. Essa visão está alinhada com Fonseca (2020), que aponta a mediação como elemento estruturante de uma pedagogia para a paz. A escola que assume essa prática não apenas resolve conflitos pontuais, mas cria uma nova lógica de convivência, na qual o diálogo, a cooperação e o respeito se tornam princípios orientadores das relações, consolidando uma educação comprometida com a cidadania e a justiça social.

1905

CONCLUSÃO

A análise realizada ao longo deste artigo evidenciou que a mediação entre iguais representa uma estratégia pedagógica de grande relevância para a construção de ambientes escolares pacíficos, colaborativos e democráticos. Ao possibilitar que os estudantes assumam o papel de protagonistas na resolução de conflitos, a escola amplia sua função social e educativa, valorizando práticas que fortalecem a convivência e a cultura de paz. Essa mudança de perspectiva transforma o espaço escolar em um lugar de formação integral, no qual o aprendizado vai além dos conteúdos curriculares e se estende à vida em sociedade.

Constatou-se que a mediação entre pares contribui para o desenvolvimento de competências socioemocionais fundamentais, como a empatia, a escuta ativa, o autocontrole e a cooperação. Essas habilidades, quando cultivadas no cotidiano escolar, tornam-se parte da identidade dos estudantes, favorecendo não apenas a resolução de conflitos, mas também o fortalecimento de vínculos comunitários e familiares. Assim, a escola cumpre sua função de preparar cidadãos mais conscientes e capazes de lidar com as adversidades da vida de maneira equilibrada e reflexiva.

Outro ponto relevante destacado foi a relação entre a mediação e a diminuição da violência escolar. Ao oferecer aos alunos a possibilidade de mediar situações de tensão, a instituição reduz o número de conflitos físicos e verbais, ao mesmo tempo em que promove maior aceitação e legitimidade das soluções construídas coletivamente. Esse processo amplia a confiança entre os sujeitos e fortalece o sentimento de pertencimento ao ambiente escolar, o que impacta diretamente na permanência e no engajamento dos estudantes.

A mediação também se mostrou uma prática capaz de promover a inclusão, ao valorizar a diversidade e dar espaço à multiplicidade de vozes presentes no ambiente escolar. Em um contexto marcado por desigualdades sociais e culturais, possibilitar que todos sejam ouvidos e respeitados é um passo fundamental para a consolidação de uma escola inclusiva e democrática. Dessa forma, a mediação não se restringe à resolução pontual de problemas, mas se constitui como um processo formativo que promove a equidade e a justiça social.

1906

Ao longo da discussão, foi possível compreender que a mediação entre iguais vai muito além de uma técnica de resolução de conflitos: trata-se de uma prática cultural que transforma a identidade escolar. Quando incorporada de forma consistente ao projeto pedagógico, ela cria uma nova lógica de convivência baseada no diálogo, na cooperação e no respeito mútuo. Esse movimento desloca o foco das práticas punitivas para a construção de relações éticas e solidárias, redefinindo o papel da escola como espaço de aprendizagem e de formação cidadã.

Destaca-se, ainda, a necessidade de formação docente para que a mediação se consolide de maneira eficaz. Professores e gestores desempenham papel essencial na condução desse processo, atuando como facilitadores e garantindo que os princípios da mediação sejam respeitados e valorizados. Essa preparação é fundamental para que os alunos possam exercer plenamente suas funções como mediadores, com segurança e responsabilidade.

Em síntese, a pesquisa bibliográfica desenvolvida permitiu constatar que a prática da mediação entre iguais fortalece a vivência democrática, melhora o clima escolar, contribui para

a permanência dos estudantes e promove o desenvolvimento integral dos sujeitos. Esses resultados confirmam a importância de investir em estratégias que estimulem o protagonismo juvenil e a construção de uma cultura de paz, consolidando a escola como espaço de transformação social.

Por fim, conclui-se que a mediação entre pares deve ser compreendida como uma prática pedagógica essencial para a escola contemporânea. Ao formar sujeitos mais críticos, empáticos e comprometidos com o diálogo, a instituição cumpre sua missão de preparar cidadãos para uma sociedade mais justa, solidária e democrática. A consolidação dessa prática representa não apenas uma resposta aos desafios da convivência escolar, mas também um caminho para a construção de um futuro no qual a educação se coloca, de fato, a serviço da paz e da inclusão social.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. C. A mediação escolar como prática pedagógica: caminhos para a cultura de paz. *Revista Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 31, n. 60, p. 345-362, 2022.
- BARRETO, M. F. Mediação entre pares e convivência democrática. *Revista Educação e Políticas em Debate*, Uberlândia, v. 10, n. 2, p. 211-229, 2021.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2016.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.
- CARVALHO, A. R. Mediação e clima escolar: possibilidades de transformação. *Revista Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 15, n. 30, p. 201-218, 2019.
- COSTA, M. R. Conflitos e mediação na escola: experiências e desafios. *Revista Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 15, n. 29, p. 141-158, 2019.
- DAYRELL, J. A juventude como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, v. 12, n. 34, p. 40-52, 2007.
- DEWEY, J. *Democracia e educação*. São Paulo: Nacional, 1979.
- DINIZ, A. P. Mediação de conflitos e aprendizagens sociais. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 27, n. 1, p. 65-83, 2019.
- FERREIRA, C. S. Mediação escolar e permanência dos alunos: vínculos e pertencimento. *Revista Educação e Sociedade*, Campinas, v. 41, e229587, 2020.
- FONSECA, L. R. Cultura de paz e práticas restaurativas na escola. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 40, n. 111, p. 225-240, 2020.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GOMES, P. H. Mediação e inclusão escolar: perspectivas e práticas. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 16, n. 1, p. 445-463, 2021.

LIBÂNEO, J. C. *Didática*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

LOPES, C. M. Formação de mediadores escolares: desafios e possibilidades. *Revista Educação em Perspectiva*, Viçosa, v. 11, n. 1, p. 134-151, 2020.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

MATOS, S. F. Mediação e protagonismo juvenil. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 59, n. 55, p. 101-119, 2021.

MANTOAN, M. T. E. *Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Moderna, 2015.

MENDES, J. V. Conflitos escolares e aprendizagem: diálogos possíveis. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 45, p. 1-20, 2019.

NASCIMENTO, R. C. Integração entre turmas e mediação de conflitos. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 25, p. 1-18, 2020.

1908

OLIVEIRA, F. A. Mediação escolar e redução da violência. *Revista Educação em Debate*, Fortaleza, v. 42, n. 81, p. 75-92, 2020.

PIAGET, J. *O juízo moral na criança*. São Paulo: Summus, 1994.

PIRES, M. L. Mediação e prática docente: desafios na contemporaneidade. *Revista Educação & Formação*, Fortaleza, v. 5, n. 13, p. 105-122, 2020.

ROCHA, E. Mediação e comunicação não violenta na escola. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 24, p. 1-17, 2019.

RODRIGUES, A. P. Mediação entre pares e vínculos comunitários. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 46, p. 1-19, 2021.

SANTOS, R. F. Mediação escolar e cidadania: desafios contemporâneos. *Revista Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 28, n. 57, p. 155-172, 2019.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 25. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

SILVA, A. P.; RIBEIRO, C. F. Mediação escolar e competências socioemocionais: um estudo sobre práticas educativas. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 26, p. 1-20, 2021.

TAVARES, L. S. Mediação entre pares e cultura de paz no espaço escolar. Educação & Sociedade, Campinas, v. 41, e224587, 2020.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.